

# MELHOR QUE SER ESCRITORA BRASILEIRA, É SER LATINO- AMERICANA

BETTER THAN BEING A BRAZILIAN WRITER, IT'S BEING A LATIN AMERICAN

Karina Kristiane Vicelli<sup>3</sup>

MAIA, Ana Paula. Entrevista concedida para elaboração da tese *Violência e bastardos na obra de Ana Paula Maia*. Via whats app, em 27 fev.2018.

## 1. Qual é a matéria de seu fazer literário?

A matéria do meu fazer literário é o outro, eu sempre escrevo sobre os outros e para os outros, acho que essa é a minha melhor matéria-prima.

## 2. A literatura é necessária? Quais são as funções da literatura na contemporaneidade?

Porra, a pergunta sete é difícil, ein? A literatura é necessária? Quais são as funções da literatura na contemporaneidade. Eu acho que a função da literatura... agora eu não sei, talvez ela tenha perdido um pouco a sua função em termos de difusão de ideias, de pensamentos da contemporaneidade por causa do advento tecnológico, pelo acesso tão rápido da informação, se a gente for pensar a literatura sendo feita há 300 anos, o peso que ela tinha em relação a hoje, é diferente, mas é claro que ela sempre vai ser um difusor de ideias, sempre

<sup>3</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Brasil. Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Brasil. Professora do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - Brasil. E-mail: [karinavicelli@hotmail.com](mailto:karinavicelli@hotmail.com)

vai ser um espaço pra se pensar o mundo e se criar histórias, enfim, eu acho que de uma certa forma, querendo ou não, a literatura sempre reflete muito da sociedade atual. Eu não escrevo, não acho que na minha literatura “eu estou escrevendo sobre o tempo presente, esse tempo que a gente vive”, mas ainda assim, é impossível, se eu sou uma criatura desse tempo, eu escrevo nesse tempo, é claro que isso vai ter algum reflexo na obra. Então eu acho que é um bom pretexto do nosso tempo. E a literatura é necessária? É, eu acho que é necessária pra quem gosta de literatura, acho que pra quem não gosta, a pessoa consegue tranquilamente viver sem literatura. Come, dorme, toma remédio, trabalha e não precisa dela.

### **3. Por que a violência como base para os enredos?**

A violência surge. Eu acho que dificilmente uma obra literária não é violenta, dificilmente um filme não é violento, dificilmente uma novela não é violenta, um seriado de televisão não é violento, minha ponte num é que seja a violência, não tem como não ter alguma camada de violência. Ninguém para pra ler o mundo cor-de-rosa, até no mundo cor-de-rosa tem um deslize de violência. Você pode pegar todos os contos infantis clássicos: Branca de Neve, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Três Porquinhos, tudo é trágico, é uma tragédia pintada de cor-de-rosa, mas tudo é trágico. Então, a violência é um pano de fundo da sociedade e o que desperta interesse na verdade. Daí os programas televisivos de jornalismo policial terem tanta audiência, porque eles fazem uma novelização daquele crime; ninguém para pra ver que um bebezinho nasceu, ele é tão cheiroso, é tão lindo, e a mãe está feliz. As pessoas param para ver quando o bebezinho morreu e tudo o mais, enfim, infelizmente é um traço nosso, acho que a violência nos cerca, nos apavora e ela gera aquilo que a gente mais teme, que é a morte.

**4. Algumas pessoas, ao apresentarem sua obra, costumam defini-la como uma literatura masculina, brutal. O que pensa a respeito dessa perspectiva?**

É uma literatura masculina, é uma literatura brutal e eu não tenho nenhum problema com isso, que ela é assim, além dela ser uma literatura masculina e brutal, ela é uma literatura que realmente trata de homens, basicamente. Eu tenho uma dificuldade muito grande de escrever sobre mulheres na literatura. Eu consigo escrever sobre mulheres no âmbito do audiovisual, na literatura não. Não sei porquê, talvez porque eu não tenha muito interesse de escrever sobre mulheres, não sei o que acontece, mas eu gosto de estar com esses personagens masculinos, e eu acho que o fazer literário é muito mais intimista do que você escrever um roteiro, pra mim é mais intimista, porque é um diálogo da minha alma com aquele papel, com aquela tela em branco que está ali, então o que eu penso a respeito dessa perspectiva é que ela é uma perspectiva real, ela não tem nenhum problema.

**5. Como é ser reconhecida como escritora brasileira no exterior?**

É muito bom ser reconhecida como escritora brasileira no exterior, mas é melhor ainda, ser reconhecida como escritora latino-americana no exterior. Porque ai existe uma barreira muito grande. O Brasil, apesar dele fazer parte da América Latina, a gente fica excluído por causa do idioma. Isso atrapalha muito a nossa relação com o restante da América Latina, e é sempre assim, Brasil e América Latina, como eu faço muito evento literário pela América Latina, vira e mexe “Brasil e América Latina”, quando você lê o programa do evento. Então, normalmente, a gente está inserido e não, devido ao idioma, isso já é complicado. Então, hoje em dia, eu tenho conseguido ser mais vista como uma autora latino-americana, do que eu era vista há dois anos, isso pra mim é muito positivo, foi graças a publicação do meu livro na Argentina, que teve uma excelente repercussão, o *De gados e homens*, em 2015, e isso me deu uma

entrada na América Latina, com mais precisão, mais força, então é construir um muro, construir uma casa, tijolo a tijolo, é necessário, essa inserção na América Latina te abre outras portas, amplia sua carreira, porque você ser uma escritora brasileira que publica na Alemanha, ainda está muito longe, mas quando você se integra mais com a América Latina, pra mim é a trajetória que me interessa, abraçar mais a América Latina, que está perto, são os *hermanos*, que estão aqui mesmo, próximos. Então eu tenho muito mais interesse na América Latina hoje do que eu tenho interesse na Europa, não que eu não tenha interesse na Europa, mas eu tenho interesse em me firmar como uma escritora latino-americana.

#### **6. O que o seu fazer literário tem de brasileiro e o que tem de universal?**

Eu consigo casar bem a coisa do brasileiro e do universal, a minha história tem uma vertente, uma leitura de uma literatura brasileira, por uma ótica, porque você sabe que foi uma brasileira que escreveu, mas por outro lado, se você falar que é uma história que se passa no México, você acredita, se você levar ela lá pro interior da Irlanda, você também pode acreditar que existe, que se passa no interior da Irlanda, eu acho que a minha história é brasileira porque é escrita por uma brasileira. Se você tira uma brasileira da história, autora brasileira, se não colocar, e colocar que é uma autora de outro canto do mundo, eu acho que ela se encaixaria muito bem, e eu vejo isso, pelos diversos lugares que eu já passei com o meu livro, já passei em lugares muito improváveis e teve muita identificação, então ele tem muito de universal, ele atinge e toca as pessoas de uma maneira bem ampla porque ele aborda elementos de uma maneira universal e de uma maneira neutra, em questão de espaço, regionalidades.

**7. Estudos apontam baixa representatividade de autoras mulheres em antologias, premiações e festivais. Você concorda com isso? Ao participar de eventos literários, você tem percebido alteração no índice de participação feminina?**

Sim, o número de mulheres nos eventos literários de forma geral, nas premiações e antologias é mais baixo, sempre tem mais homens nos eventos. Acho que tem tido uma maior participação de mulheres em eventos literários, sempre os homens é em número maior, sabe, é igual cabelereiro, você entra lá e vai ter mais mulher do que homem, evento literário sempre vai ter mais homem no palco e mais mulher na plateia. É impressionante, plateia, assim, 70% é mulher, pelo menos, quando não é mais. Mas existe sim, uma tentativa sim de se ter mais escritoras, apresentando o seu trabalho, falando de sua obra.

**8. Em vários lugares no Brasil estão surgindo clubes que leem escritoras. Você acha que iniciativas como essa são importantes? Você acredita que isso pode afetar a literatura e o mercado editorial?**

Acho uma iniciativa excelente, isso pode afetar a literatura, o mercado editorial. E geralmente nesses grupos a maioria são mulheres, ainda que existam um ou dois homens, a maioria são mulheres lendo mulheres. Eu acho maravilhosa. Eu acho que todo incentivo a ler é uma coisa maravilhosa, se estão lendo autoras, principalmente escritoras nacionais, diga-se que é uma coisa importante de salientar acho riquíssimo, riquíssimo pro nosso crescimento, digo crescimento intelectual do país, porque tem escritores escrevendo muita coisa boa, acho que vai quebrando tabus, de uma certa forma, uma certa barreira, um certo preconceito, porque existe o preconceito às vezes, ahhh porque é mulher escrevendo, escreve sobre triângulo amoroso, histórias de amor, filho, essa coisa que fica muito realmente voltada pro universo feminino,

apesar de as mulheres reclamarem muito, e quando você abre o livro dela é exatamente aquele universo feminino, descascando uma cebola e chorando, e com uma outra roupagem, mas não vou dizer que são todas, mas é a maioria, a maioria é assim mesmo, estão brigando, brigando, mas no final das contas o livro é sobre aquilo. Eu como mulher, não me interesso de ler esse tipo de literatura, e muito menos de fazê-la, e com isso, há outras mulheres que também não se interessam em absolutamente com esse tipo de literatura, mas tem muitas mulheres que se interessam, são nichos, são referências pessoais mesmo, que as pessoas escrevem mais baseadas e calcadas em suas referências pessoais, mas antes da referência pessoal, existe uma coisa chamada filtro, o filtro da pessoa implica muito e pode ter referências pessoais extraordinárias e não conseguir filtrar aquilo de uma maneira interessante para colocar no papel. Acho superpositivo, sim, os surgimentos desses grupos e isso pode mobilizar mais e mais o mercado editorial, a vender e a publicar mais essas autoras femininas.

***9. Você consegue se encaixar numa geração de escritores ou em um grupo específico? Para você, o que o seu fazer literário tem de diferente a oferecer ao público?***

Na verdade, se você observar a gente vive uma contemporaneidade que é difícil a gente ver uma escola literária, um segmento, é difícil, mas ainda existe uma predominância, homens e mulheres, independente do gênero, de escrever muito sobre si, acho que a literatura brasileira ela tem dois aspectos da contemporaneidade, se escreve muito sobre memória, e ela escreve muito sobre as experiências pessoais, experiências próprias, aquela literatura muito voltada pra si e memórias. São duas coisas, então, quando a gente fala de memória, a gente fala de passado refletindo no presente de alguma forma, e quando a gente fala nessa literatura em primeira pessoa pode ser naturalmente no presente apenas. Isso são duas características muito fortes na literatura brasileira. Acho

meio chato, acho meio cansativo, mas não me encaixo. Não me representa, não escrevo sobre isso, estou bem distante, ‘o que você pensa quando vai escrever um livro, Ana?’ Se o Edgar Wilson é o protagonista, eu penso nele (risos), se é outro personagem, o Bronco Gil, eu penso nele (risos), então eu sento pra escrever com os meus personagens, aquelas histórias que me interessam, nesse momento, é um momento muito pessoal e particular, não existe gênero, não existe crítica, não existe absolutamente nada que entre ali, nesse momento longo, então pessoal. O que eu meu fazer literário tem de diferente a oferecer é o que se lê nele, esses negócios que eu escrevo já é diferente.

***10. A sua literatura é altamente vendável, ao mesmo tempo em que joga o leitor em lugares incômodos e situações que causam mal-estar, mesmo assim há graça e leveza, daí o kitsch, o pulp. Você pensou nisto na hora de elaborar o seu fazer literário? Como consegue unir momentos tão agressivos à docilidade?***

Eu gostaria de acreditar mais nessa literatura altamente vendável, bem que podia vender bem mais... ohh meu Deus do céu, acho que podia vender muito mais (risos). Essa coisa de por em momentos agressivos a docilidade... isso aí quem traz são os personagens... eles são agridoces. Acho que eu sou agridoce, eu acho que eu sou pesada e leve, ao mesmo tempo, eu tenho, sombra e luz, eu tenho docilidade e agressividade, acho que tem muito a ver comigo também. E o que eu havia falado do filtro pessoal do autor, então eu acho que eu sou assim. Então aquilo vai sendo filtrado. O humor negro sempre fez parte da minha vida, do meu olhar do mundo, eu olho o mundo com esse olhar irônico, às vezes meio debochado, às vezes um pouco ultrajante, às vezes eu sou uma pessoa muito má, nos meus pensamentos, mas daí eu me policio, nossa, Ana Paula, que pensamento horrível. Eh, claro, aqueles dias que a gente está de TPM, aqueles dias que os hormônios estão um pouco enlouquecidos então eu acho que isso muda um pouco o meu filtro. Mas, eu acho que tem muito a ver com o meu jeito de ser também, aquilo que eu havia falado em uma resposta anterior,

que a literatura carrega muito do autor. Ainda que eu escreva uma história bem longe de mim, o Edgar Wilson tem muito de mim, o Bronco Gil, o Tomás que é um dos personagens nem importantes do *Enterre seus mortos* são situações que tem muito de você, não só em situação que eu elaboro, o tema que eu defino e como esses personagens se movem, isso tem muito a ver comigo, muito a ver com a minha personalidade, com esse meu filtro. Então eu acho que é isso, eu acho que sai desse jeito. As coisas são assim porque eu sou assim, eu sou esse ser que oscila, ou na verdade eu não oscilo, eu uni o humor e o pudor, o agressivo ao doce, sabe aquela coisa agridoce, o azedinho, eu acho que eu sou um suco de maracujá. Que você toma, é doce, mas tem um azedinho no fundo, é isso, eu sou um maracujá que maracujá se eu não me engano em francês significa, é chamado de *fruit de la passion*. É uma coisa assim *fruit de la passion*, fruta da paixão, olha só, ein, onde estamos chegando nessa entrevista! *La fruit de la passion...*

**11. Você se sente responsável pelos bastardos que representa? Sua literatura pode ser considerada de resistência ou representativa da margem?**

Imagina que é literatura de resistência, imagina que é literatura da margem, quem representa a margem, isso aí é *Cidade de Deus*, com o Paulo Lins, o Ferrez. Eu não faço esse negócio não, (risos), esse negócio de representatividade dos bastardos, eu só conto histórias, estou interessada em nada, só estou interessada em contar uma boa história, e tem uns bons personagens se movendo nessa boa história, é isso o que eu quero. E quem escreve desse jeito nunca está pensando muito em representatividade, ou em levantar uma bandeira de nada, eu levanto a bandeira de escrever boas histórias.

Recebido em 04/09/2018. Aceito em 12/10/2018.